

SELETA

O CRESCIMENTO DE SÃO PAULO E SEUS FATORES

Aroldo de AZEVEDO

Dentre os fatores apontados para explicar o “fenômeno” paulistano, alguns servem para justificar a sobrevivência do aglomerado quinhentista ou dizem respeito, quando muito, à longa e modesta fase inicial da vida de São Paulo. É o caso, por exemplo, de haver sido a vila plantada numa espécie de clareira, circundada de matas - os **Campos de Piratininga** - provavelmente resultantes da ação devastadora dos indígenas e já por eles próprios ocupados, antes mesmo da chegada do colonizador lusitano. Bastante favorável também teria sido a posição em **acrópole**, que caracterizava o núcleo original da cidade, circunstância que haveria de representar papel de importância no momento histórico em que se teve de decidir entre as duas vilas planaltinas, a de Santo André da Borda do Campo e a de São Paulo de Piratininga, sacrificando-se a primeira, ou todas as vezes que se cogitou de sua defesa, nos dias incertos do quinhentismo.

Outros fatores (que são, evidentemente, os que aqui mais nos interessam) explicam, de maneira satisfatória, o inaudito crescimento da cidade de São Paulo a partir da década de 1870-80:

1) a **expansão da cultura cafeeira** em terras paulistas, principalmente depois que se deslocou do vale do Paraíba e passou a predominar, sem competidor, nas áreas cristalinas e no planalto arenítico-basáltico do interior paulista, desde que foi a cidade de São Paulo a grande beneficiária da riqueza então acumulada:

2) a **multiplicação das vias férreas**, no planalto paulista, tendo por fulcro o binário São Paulo-Santos, e que se intensificou, paralelamente ao fator anterior, nas duas últimas décadas do século passado:

3) o extraordinário **incremento da imigração**, notadamente de italianos, característico desse mesmo período e motivado pela expansão cafeeira, que trouxe para o Estado, numa só década, nada menos de novecentos mil imigrantes, encaminhados para o interior, mas refluindo em massa para a Capital, onde se fixaram, com suas famílias numerosas e suas agilidades profissionais;

4) o **afluxo de capitais estrangeiros**, sobretudo anglo-canadenses e norte-americanos, o que tornou possível o melhor aproveitamento do potencial hidrelétrico do Planalto Paulistano, a expansão e a melhoria do serviço de bondes, o loteamento de áreas até então inúteis (que se transformaram em aprazíveis “bairros-jardins”), e, particularmente, o desenvolvimento industrial;

5) a criação do **parque industrial paulistano**, hoje considerado o mais poderoso da América do Sul, cujo ininterrupto desenvolvimento passou a exigir, em proporções crescentes, mão-de-obra cada vez mais numerosa e especializada, além de grandes espaços destinados à instalação de novos estabelecimentos fabris;

6) o conseqüente **êxodo de populações rurais e urbanas**, oriundas do interior do próprio Estado e de outras regiões do país, atraídas irrefreavelmente pelas vantagens, reais ou supostas, da nova e dinâmica metrópole ou simplesmente em busca de trabalho, tamanha a febre de construções e tão poderosa sua força econômica;

7) o **loteamento de grandes propriedades** - de início as tradicionais chácaras localizadas em plena área urbana, em seguida os sítios e fazendas da região suburbana - de que resultou a proliferação de novos bairros e a multiplicação das chamadas “vilas” tipicamente residenciais, onde se aglomera uma parte substancial da população ativa da Capital paulista.

E outros mais, certamente, poderão ser apontados entre os fatores responsáveis pelo extraordinário crescimento da cidade de São Paulo. Como é fácil compreender, muitos deles agiram de maneira simultânea, concomitantemente, ligados tão estreitamente uns aos outros, que chegam a parecer como se fossem um só: é o caso dos trinômios café-via férrea-imigração, ou imigração-capitais-indústria, ou, ainda, indústria-mão de obra-loteamentos. Distinguimo-los em separado apenas por uma questão de método. De qualquer modo, decorrem todos eles - como acentuou Deffontaines - de um “passado histórico, orientado por atos de vontade do homem”.

porque, em última análise, “São Paulo pertence, por excelência, à família das **idades de energia**”.¹

No entanto, todas essas causas talvez não pudessem exercer sua inegável influência se não fossem certos **fatores geográficos**, que aparecem a presidir o crescimento da cidade, atuando uns mais fortemente que outros, através do quatro séculos de sua existência. Há cerca de 50 anos (o autor escrevia em 1954), Pierre Denis constatou esta verdade quando escreveu:

“Lorsqu’on cherche quelle influence ont eue sur l’histoire de Saint Paul les conditions physiques, on est frappé tout d’abord de voir comment la disposition du sol a déterminé, en vertu de lois géographiques, la situation de la capitale. Le site de Saint Paul était marqué d’avance sur le terrain”.²

Com efeito, a inospitalidade da baixada de Santos, com seus manguezais e seu clima quente e úmido, contrastava fortemente, aos olhos do colonizador quinhentista, com o Planalto Paulistano, caracterizado por suas colinas de contornos suaves, bem servido de cursos d’água piscosos e gozando de um clima tropical de altitude, que chegou mesmo a ser comparado ao de certas porções da península Ibérica. Eis um primeiro fator favorável. Por outro lado, a cidade veio a ser fundada próximo exatamente a um dos raros trechos em que a Serra do Mar se abaixa a uma altitude de 800 metros, oferecendo um ponto de acesso menos difícil, que já o indígena havia descoberto, em toda a frontaria escarpada que se estende junto ao mar, abrupta e hostil, desde o litoral do Estado do Rio de Janeiro, com cumes que chegam a 2000 metros. Tais circunstâncias, aliadas às que mais atrás mencionamos, contribuíram decisivamente para a fixação do sítio urbano do aglomerado em formação, mas continuam a representar, até hoje, um papel de importância para a vida da metrópole.

É bem verdade que alguns outros fatores geográficos aparecem hoje, de certo modo, como negativos. Queremos referir-nos, em primeiro lugar, à característica instabilidade do clima paulistano, conseqüente da proximidade da escarpa da Serra do Mar e responsável pelos freqüentes e sucessivos vai-vens das massas de ar. Além disso, cumpre reconhecer a inexistência de riquezas no subsolo regional, do qual o homem não tira mais do que granitos, gnaisses, argilas, areias e seixos, além do calcário e do caulim, bem aproveitados (não resta dúvida) em obras de pavimentação, nas

(1) Deffontaines, Pierre - **Geografia humana do Brasil**: 83. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1940.

(2) Denis, Pierre - **Le Brésil au XXe. siècle**. Paris, Armand Colin, 4ª edição, 1911.

construções urbanas e como matéria-prima de certas indústrias. Resta acentuar, finalmente, a pobreza dos solos paulistanos, particularmente os de sua bacia de sedimentação, inteiramente impróprios para uma atividade agrícola proveitosa e lucrativa, fato que levou Deffontaines a constatar, com espanto, que “a maior cidade do Estado desenvolveu-se numa das piores regiões quanto à fertilidade do solo”.³

Tais fatores negativos não foram capazes, porém, de anular os primeiros e impedir a expansão da cidade: é que ainda outros, também puramente geográficos, permaneciam em estado latente, à espera de que o homem os descobrisse e deles se aproveitasse convenientemente. Queremos, agora referir-nos às características da topografia regional e da rede de drenagem, que vieram permitir que São Paulo se tornasse uma verdadeira **encruzilhada de vias naturais**, característica que não se encontra em relação a outras cidades planáltinas do Estado e que foi bem aproveitada tanto no passado como, sobretudo, nos derradeiros 80 anos.

Com efeito, para Leste alcança-se com facilidade a planície sedimentar do médio Paraíba, quer através do velho roteiro do bandeirismo (aproveitado pela “Central do Brasil” e pela antiga rodovia São Paulo-Rio de Janeiro), quer através do vale do Parateí (que a moderna rodovia Presidente Dutra e a variante da “Central” utilizam vantajosamente); para o Norte, o obstáculo representado pela Serra da Cantareira não impediu o acesso aos contrafortes ocidentais da Mantiqueira e a penetração até o sul de Minas Gerais; no rumo de Noroeste, o vale do rio Tietê (sem ter a amplitude que o caracteriza a montante da cidade) e trechos fortemente peneplanizados dos maciços cristalinos conduzem, sem grandes dificuldades, a um largo e extenso “corredor”, a Depressão Periférica, notável pelas facilidades que oferece às comunicações, o que explica o seu aproveitamento, desde o século XVII até hoje, para os contatos com o “hinterland” paulista e com regiões bem mais afastadas (Triângulo Mineiro, Goiás, Mato-Grosso, Paraná), quer através dos velhos caminhos das “monções” e das tropas de burros, quer através dos trilhos da via férrea e das pistas cimentadas da Via Anhanguera; para Oeste e Sudoeste, as velhas superfícies de erosão favoreceram, inegavelmente, os contatos com o extremo sul do país, não só ao tempo das tropas de burros, como ainda hoje, através da ferrovia e da moderna rodovia; e finalmente, no rumo de Sudeste, em direção às escarpas da Serra do Mar e da baixada santista-vicentina, os vales do Tamanduateí, do Mogí e do

(3) Deffontaines, Pierre - **Regiões e paisagens do Estado de São Paulo**. “Geografia”, ano 1, nº 2: 145. São Paulo, 1935.

Perequê viram-se bem aproveitados desde o século XVI, da mesma maneira que o vale do Pilões passou a sê-lo recentemente, depois da construção da notável obra de engenharia, que é a Via Anchieta.

Da conjugação de todos esses fatores - uns atuando em caráter permanente desde a fundação da cidade, outros fazendo-se sentir somente a partir de época relativamente recente, além daqueles que apenas tiveram importância num passado já remoto - foi que resultou o crescimento demográfico e espacial da Capital Paulista. Apresentando uma situação geográfica que muito tem de excepcional quanto às suas vantagens, com um sítio urbano como que predeterminado sobre o terreno, bastava que o homem, com o poder de sua inteligência e a força de sua iniciativa, soubesse aproveitar tão grandes possibilidades, mesmo tendo contra si muitas desvantagens. E tudo parece indicar que soube representar galhardamente o seu papel, nesse jogo de forças em que permanentemente se encontra, face à natureza.

(São Paulo, cidade trimilionária, em A Cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana, vol. I: 10-16. São Paulo, Editora Nacional, 1958. (Col. "Brasiliana", grande formato, v. 14).